



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

MARIA RAFAELA ALVES GALDINO

A MORTE COMO SÍMBOLO DO DESTINO NO POEMA BEOWULF

**GUARABIRA
2018**

MARIA RAFAELA ALVES GALDINO

A MORTE COMO SÍMBOLO DO DESTINO NO POEMA BEOWULF

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

GUARABIRA
2018

G149m Galdino, Maria Rafaela Alves.

A morte como símbolo do destino no poema Beowulf
[manuscrito] : / Maria Rafaela Alves Galdino. - 2018.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Beowulf. 2. Herói. 3. Morte.

21. ed. CDD 801.95

MARIA RAFAELA ALVES GALDINO

A MORTE COMO SÍMBOLO DO DESTINO NO POEMA BEOWULF


Artigo, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A minha mãe, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Rafael Francisco Braz pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Geraldo Abel Galdino, a minha avó Severina Maria da Conceição, a minha tia Maria José Alves da Costa, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“O símbolo é ao mesmo tempo um veículo universal e particular. Universal, pois transcende a história; particular por corresponder a uma época precisa”.

(CIRLOT, 2005, p. 12).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1	<i>História do poema</i>	10
2.1.1	<i>O símbolo da morte</i>	11
2.1.2	<i>Destino, morte e fatalidade em Beowulf</i>	14
3	CONCLUSÃO	28
	REFERÊNCIAS	30

A MORTE COMO SÍMBOLO DO DESTINO NO POEMA BEOWULF

Maria Rafaela Alves Galdino*

RESUMO

O poema Beowulf é um manuscrito que foi escrito na Inglaterra no século VIII, o poema ele é ora da ordem pagão e ora da ordem cristão, pois foi escrito na era do cristianismo. Ele se inicia pagão, por que ter os monstros marinhos, dragões, e os deuses, mais no decorrer do poema o herói fala sobre Deus, que é onde está presente o cristianismo. O herói fala que só teve as suas glórias por que Deus permitiu. O objetivo principal desta pesquisa é analisar o símbolo da morte no poema. Para tanto nossa fundamentação teórica baseia-se em Chevalier e Gheerbrant (2009), Cirlot (2005) Nichols (1995) e Girard (1997). A análise nos mostrou que o poema traz uma beleza literária, onde o personagem Beowulf conseguindo superar as dificuldades que aparecem na vida de outras pessoas, que ele se propõe a solucionar, acabando com o mal. Essa literatura consegue prender o leitor, em um mundo cheio de fantasias, que aparece os atos de coragem e honestidade, que são qualidades que a sociedade tanto precisa, pois Beowulf sai de sua terra colocando a sua vida nas mãos do destino. O destino é quem vai colocar as glórias na vida desse grande herói e sabendo-se que em um determinado momento o destino também colocara a morte na vida desse grande herói.

Palavras-Chave: Beowulf. Herói. Morte.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma das formas da representação simbólica do real para o ficcional e, assim, podemos mostrar o significado do símbolo, que neste trabalho, vem para estabelecer os critérios de suas definições, de acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009) e Juan Eduardo Cirlot (2005). “O símbolo não é um argumento, porém inscreve-se numa certa lógica. Existe, de fato, segundo Jean Piaget, uma coerência funcional do pensamento simbólico”. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, P. XXXVI).

O significado do símbolo vai depender da cultura de cada povo, sendo preciso estabelecer um elo de origem, para os diferentes sentidos. Dependendo do aceitamento de cada povo, pois o símbolo vai ter vários sentidos para um único símbolo. De acordo com Juan Eduardo Cirlot – “O símbolo é ao mesmo tempo um veículo universal e particular”. (CIRLOT, 2005, p. 12).

* Aluna de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: rafaellapiloes@hotmail.com

Esse trabalho vai ter a necessidade de interpretar um símbolo em específico, que vai ser o símbolo da morte, pois ela vai estar ligada ao destino, porque é o destino que vai ocasionar a morte como um círculo que se fecha nas vidas das pessoas. De um modo ou de outro, em um determinado momento, o destino colocará a morte, como o destino final.

As pessoas não aceitam a morte, por ser algo que não podemos voltar no tempo, ela traz sentidos como angústia e é mostrada como figura de traços assustadores. A morte ela vai está no destino de cada pessoa, de cada ser vivo. A morte, também, é representada como sinal de glória, muitos heróis morrem para salvar o seu povo.

No poema Beowulf, o grande herói que é Beowulf, termina morrendo para salvar o seu povo das garras de um dragão que estava matando há todos por vingança. Beowulf que foi um grande herói de muitas glórias e façanhas. O destino coloca a morte várias vezes em seu caminho, só que ele consegue vencer a morte várias vezes.

O poema Beowulf é um manuscrito que foi escrito na Inglaterra no século VIII, o poema ele é ora da ordem pagão e ora da ordem cristão, pois foi escrito na era do cristianismo. Ele se inicia pagão, por que ter os monstros marinhos, dragões, e os deuses, mais no decorrer do poema o herói fala sobre Deus, que é onde está presente o cristianismo. O herói fala que só teve as suas glórias por que Deus permitiu.

O cristianismo e o paganismo é uma característica mítica religiosa no poema, como já foi falado, os germânicos eram pagãos. Como o poema foi escrito na era do cristianismo demorou muito para se torna totalmente cristão.

Nesta linha de pesquisa, propomos o estudo compreender o significado do símbolo da morte, presente no poema Beowulf, destacando como a morte é colocada no destino do herói, trazendo o poder, a força de um homem, para assim medir a força física com o poder superior que é o poder de Deus. Ele é o ser maior que determinará o destino de cada ser.

Enfatizamos, no entanto, especificar os objetivos como: a) – destacar o sentido dos símbolos; b) – mostrar a imagem mítica, que exprime o significado da morte no poema Beowulf; c) – Interpretar o significado do destino que ocasionara a morte, mostrando a simbologia positiva e negativa, associada ao herói Beowulf no universo mítico e simbólico.

Visto que, o poema ele vai mostrar os diferentes sentido dos símbolos, podendo dizer que o símbolo ele é interpretado de acordo com as suas definições. Dando valor ao que se é destinado. O poema deixa bem claro o significado do destino do herói, que era ocasionar a morte do mal, dos monstros e, assim, podendo ele mesmo morrer. O destino da morte estava para ambos.

O poema Beowulf é considerado um dos mais longos poemas anglo-saxônico, pois não tem autor, foi queimada uma parte e ele foi achado e montado faltando uma parte. Ele passa de 1000 versos. Com a obra montada depois de achada, ela é dividida em duas partes principal, aonde vai se destacar o herói Beowulf.

Beowulf, um grande herói com força física de 30 homens, ele consegue façanhas e glórias que outros homens não consegue fazer. O poema ele é dividido em duas partes, que podemos destacar.

Na primeira parte, intitulamos – o poema é dividido em três partes, que vai ser a morte de Grendal, a morte da mãe de Grendal e a volta à terra natal de Beowulf.

Na segunda parte, nomeamos – a luta contra o dragão, que queria se vingar devido ao roubo do graal, que ocasionou a morte do grande herói Beowulf.

Finalizamos nesta pesquisa, o sentido do símbolo da morte, com a determinação de evidenciar do poder da palavra morte. A morte no poema Beowulf, vai demonstrar o real significado do poder do destino, podemos modificar o destino com escolhas, mais a morte ela sempre estará ligada ao nosso destino, uma hora vai chegar o momento da nossa morte. Podemos ter glórias e façanhas como Beowulf, mais a morte é implacável, é o nosso destino morrer.

2 HISTÓRIA DO POEMA

É um poema épico, do século VIII, que é considerando um dos mais longos e antigos poemas anglo-saxônico, ele possui mais de 3000 versos e se refere a acontecimentos de um passado distante, de uma vida real, pois relata uma época cheia de batalhas, que os valores que mais eles estimavam era a honra, a coragem e a fortaleza.

Beowulf é considerado o manuscrito mais importante que os anglo-saxônicos deixaram. Ele é escrito na Inglaterra, mais vai contar eventos que ocorreram na Escandinávia, especificamente, na Suécia e Dinamarca. O poema é de autoria desconhecida, que tem um marco na literatura medieval. “Felizmente, um pesquisador Islandês, Thorkelin, copiou o texto do poema em 1786 quando ainda podia ser lido facilmente”. (BEOWULF, 1992, p. 9).

“É provável que as aventuras de Beowulf tenham sido narradas em séculos anteriores”. (BEOWULF, 1992, p. 10). Segundo Ary Gonzalez Galvão – o enredo principal como se apresenta hoje já era conhecido na Inglaterra antes do poeta escrever a obra. O símbolo da morte vai aparecer no poema, para destruir e acabar com as coisas boas e ruins, as ruins vai ser os monstros (Grendal, a mãe de Grendal e o Dragão) e as boas, que é o grande herói

Beowulf. *“Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência”*. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 621).

A morte no poema Beowulf, vai ser representada pelo destino, símbolo este que está ligado com a vida. *“O destino, na mitologia germânica, era uma potencia superior aos próprios deuses”* (BEOWULF, 2002, P. 14).

O poema Beowulf, destaca dois componentes míticos religiosos em sua estrutura mítica, que são o cristianismo e o paganismo. O primeiro que vai se destacar vai ser o paganismo, porque é uma característica do início do poema, os povos germânicos eram pagãos, no poema vai ter dragões, e monstros submarinos. *“O autor topou com um problema: não podia, guardando o decoro da época, falar elogiosamente dos deuses pagãos. Porque no século VIII ainda se estava muito perto da era pagã, que estava viva na gente. Nos princípios da era cristã”*. (BEOWULF, 2002, p. 14).

Pediam em preces ao
Carrasco das Almas e no altar promessas faziam
aos ídolos dourados para que alguma consolação
enviassem ao povo tão sofrido; tal era a seita
da fé pagã: tinham o inferno nas almas e nos
corações; o Criador não lhes era ainda seu
Senhor – desconheciam o juiz de toda vontade ato e
Ação; p Todo-Poderoso lhes era estranho;
Não sabiam como adorar o Príncipe do Paraíso. (BEOWULF, 1992, p. 37-38).

Com o decorrer do poema vai se encontra o cristianismo. *“A concepção da analogia entre o mundo visível também é patrimônio comum às religiões pagãs do Baixo Império, à doutrina neoplatônica e ao cristianismo, só que cada um destes grupos utiliza esses conhecimentos para sua finalidade”*. (CIRLOT, 2005, P.17). Como o poema foi escrito na época do cristianismo e o povo germânico era pagão, demorou a se tornar totalmente cristão. *“Que a graça do Senhor Todo-Poderoso vos proteja nessa missão tão generosa”*. (BEOWULF, p. 45). Podemos ver, claramente, o cristianismo presente no poema neste fragmento, pois o Rei louva a Deus por ter trazido a salvação para todos.

A graça de Deus, ó dinamarqueses, trouxe-o até nós, até Heorot para nos salvar das atrocidades de Grendal! Tal herói há de honras e tesouros receber e por sua coragem a justa recompensa alcançar. Não perca mais tempo e dizer a eles que entrem e nos vejam todos aqui sentados; dize-lhes também que são bem-vindos aos domínios dos dinamarqueses. (BEOWULF, 1992, p. 45-46.)

Neste fragmento vai destaca Deus, como o todo poderoso, foi só por Deus que Beowulf conseguiu sobreviver, está claro o cristianismo. Beowulf faz essa declaração para deixa bem claro que foi por Deus e não pela espada que ele sobreviveu. *“O autor de Beowulf, tampouco podia falar, em seu intento, de Cristo ou da virgem”*. (BRANDÃO, 2002, p. 14).

E Beowulf falou: “Vede! O que vedes aqui, ó filho de Healfdene, príncipe dos scyldings, foi encargo ameno para nós: tais troféus indicam vitória! Não escapei facilmente das águas subterrâneas; realizei tal façanha depois de muita luta; nossa contenda teria terminado logo no início não tivesse Deus me salvado. (BEOWULF, p. 90)

3 O SÍMBOLO DA MORTE

No poema Beowulf, podemos encontrar vários símbolos da morte associados a Grendal; Beowulf; a mãe de Grendal; à noite e o destino. O destino ele vai ser o maior símbolo da morte no poema Beowulf, pois o destino é quem vai levar a todos a morte. Quando ocorreu várias morte no poema é, porque ouve o destino que o levou a morte.

“A morte está ligada com a noite, o sono é a regeneração. A morte é quem vai levar o ser ao inferno ou ao paraíso. Ela é uma tensão contrária que vai ser a vida, para a morte, só haverá a morte se tiver vida. A morte é a passagem para uma vida nova. A morte tem várias máscaras, ocorrendo em todas as condições sociais.

Os míticos, de acordo com os médicos e os psicólogos, notaram que em todo ser humano, em todos os seus níveis de existência, coexistem a morte e a vida, isto é, uma tensão entre duas forças contrárias. A morte em um nível é talvez a condição de uma vida superior em outro nível. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p.621-622).

No poema a morte “*vai ser temida pelos cavaleiros de Beowulf, todos colocando suas esperanças em um único homem – Beowulf, completamente desarmado*”. (BEOWULF,1992, p. 57). A morte ela é tão temida, por não sabermos o que vai acontecer com nós após a nossa morte, ela traz angustia e tristeza. A morte vai apavora todos os seres.

Segundo Nichols (1995) Somos criaturas de hábitos mais superficial resistimos a mudanças em nossa vida cotidiana – até a mudança que nós mesmos planejamos conscientemente. Sofremos porque não aceitamos a morte.

Temos que viver a vida plenamente, que a vida continua, após a morte, o que morre é o corpo físico, mais o espírito continua. Não devemos temer a morte. A morte tem a tarefa que foi dada a ela, ela só cumpre o que é determinado. “*Ainda que possa parecer uma desgraça, é um atributo natural e necessário da espécie humana*”. (NICHOLS, 1995, p. 236).

O destino é quem vai determinar o seu destino. “*Nenhum ser humano tem conhecimento nem sabedoria para nos dizer – mesmo os sábios aqui no castelo – quem jamais recebeu tal fardo ou levou a seu destino*”. (BEOWULF, 1992, p. 33).

O destino vai estar ligado diretamente com a morte, de um jeito ou de outro, o destino vai colocar o monstro Grendal no destino das pessoas como uma força maior para tentar fechar mais um círculo de vida, que acabara com a felicidade de todos que estão em Heorot. *“De dentro da noite surgiu o monstro e aproximando-se de Heorot, espreitava grupos de dinamarqueses que lá dormiam languidamente, exangues depois das grandes festas – todos de seus infortúnios e tristezas esquecidos”*. (BEOWULF, 1992, p. 35-36). O destino vem para determinar o que o todo poderoso determinara na vida das pessoas.

Aquele que o destino assim determinar passará a alma ao julgamento do Todo-Poderoso. Com minhas mãos somente enfrentarei o demônio – luta de vida ou morte: quem odeia e quem é odiado! O demônio devorará, não duvido, os Geats – assim como devorou vossos valorosos guerreiros aqui neste suntuoso átrio. (BEOWULF, 1992, p. 48).

O destino já está todo traçado, não adianta fugir, o que está para ser cumprido uma hora vai ser cumprido, ninguém foge do seu destino. *“Meus guerreiros definharam, meu palácio reluzente empobreceu; bravos cavaleiros pelo destino foram arrastados para as entranhas malditas de Grendal”*. (BEOWULF, 1992, p. 50).

Na vida do grande herói Beowulf, tudo foi no seu momento, o que tinha para ele, foi concedido no momento que tinha para ser, o seu destino já estava traçado e cabia a ele executá-lo. Beowulf era um homem com força de trinta homens. Ele não temia a nada.

Wyrd sempre protege o herói da morte se permanecer firme sua coragem! Foi-me destinado destroçar com minha espada nove desses monstros, e nunca ouvir falar de luta mais feroz sob os céus, nem de outro homem mais acossado assim pelo mar! Mas finalmente, exausto, salvei minha vida das garras do inimigo. (BEOWULF, p. 53-54).

A morte é algo que temos de certeza, uma hora, ou outras todas vão passar por esse momento. Não adianta fugir, o que o destino determinou na vida de cada um, será cumprido. No poema, Beowulf, ele tem a consciência que ele tem muita força, nas lutas ele sempre sai vitorioso, mais um momento vai chegar a sua hora, a hora de sua morte.

Mas fugir da morte não é fácil: que o tente quem quiser, pois está escrito no destino de todos os filhos dos homens, todas as criaturas do mundo, que cada um deve procurar o lugar alocado, certo, onde o corpo há de jazer na sepultura no sono eterno, quando a festa acabar! (BEOWULF, 1992, p. 68).

Beowulf via-se nas mãos do destino, o que ele sempre fez, na sua vida inteira, agora não estava adiantando. Que era lutar, as suas forças já estavam fracas, Beowulf já estava com cinquenta anos. E o destino não queria que ele em certa parte sáísse vitorioso. Beowulf sentiu que há sua hora tinha chegado, e ele faria tudo pelo o seu povo, até acabar com a sua própria vida.

Para Beowulf pouco lhe valeu o escudo; via-se agora nas mãos do destino; dessa vez não lhe daria a vitória na luta; então o grande guerreiro levantou a arma e vibrou, furioso, com aquele espada ancestral um fenomenal golpe na horrível serpente de escamas variegas; mas a lâmina entortou ao tocar os ossos e penetrou menos do que o herói esperava; o dragão renovou o ataque mais feroz ainda; vomitando fogo voraz, silvava de ódio, as centelhas e as faíscas da luta luziam ao longe. (BEOWULF, 1992, p. 117).

O destino está ao lado de cada um, o que levava a um determinado destino são as escolhas. E cada escolha há um resultado, que levará a concretizar o destino de cada pessoa. Beowulf escolheu lutar com o dragão, “Como símbolo demoníaco, o dragão se identifica, na realidade, com a serpente: Orígenes confirma essa identidade a propósito do salmo 74”. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 349). Mesmo sentindo que aquela escolha poderia dá um destino final em sua vida, o que levaria - o a morte. Ao que escolheu lutar, Beowulf assinou a sua sentença de morte, foi traído por seus companheiros, na hora que ele mais precisou deles, todos fugiram, e um único guerreiro ainda o socorreu, que foi o jovem guerreiro Wiglaf. Com a morte de Beowulf, fecha-se mais um círculo de vida, para se iniciar a outra.

4 DESTINO, MORTE E FATALIDADE EM BEOWULF

O poema Beowulf é dividido em duas partes principais, sendo que na primeira parte “estruturalmente está dividida em três grandes episódios vivenciados pelo herói: a luta com o dragão Grendal; a luta contra a mãe de Grendal; e o retorno de Beowulf ao seu reino.” (BEOWULF, 1992, p.11). E a segunda parte, que vai ter o desfecho do poema que é a luta final com o dragão, o guardador do tesouro. “*Acredita-se que esse animal fabuloso é guardião de lugares sagrados e de tesouros.*” (RIBEIRO, 2017, p. 58).

O poema inicia-se falando dos dinamarqueses “*Isso nos faz imaginar alguns vínculos entre a casa real da Dinamarca e a casa real dos geatas, essa tribo um pouco misteriosa que uns identificaram com os juntos que invadiram a Inglaterra*”. (BRANDÃO, 2002, p.20). E a chegada de um filho, tão esperado que foi Beowulf. Scyld rei que recebeu o maior presente de Deus que é à chegada de Beowulf e com o decorrer dos anos, a sua fama começa a ressoar por todo território Dinamarquês.

A ele mais tarde enviou Deus um filho –
 dádiva divina para deleite de seu povo –
 um jovem que nas cortes recordava a
 tristeza que o povo sem líder sofreu
 por muito tempo nos dias de outrora. Então
 honras lhe deu o Mestre da Vida, o Senhor
 da glória, o filho de Scyld; e ressoou

a fama de Beowulf pelos domínios dos dinamarqueses. (BEOWULF, 1992, p. 31 – 32).

Depois que foi feito todos os ajustes das descendências dos dinamarqueses, concretizando as alianças do passado. “O poema continua enumerando os reis da Dinamarca, e chegando assim a um rei que se chama Hrothgar”. (BRANDÃO, 2002, p. 20). O poema vai falar da angústia que um grande rei está passando. O rei Hrothgar em seu castelo, um castelo de festa, que era só alegria, fica sendo atacado por um grande mal, que é o monstro Grendal, que todas as noites saía do seu lugar obscuro para atacar Heorot.

De dentro da noite surgiu o monstro
e aproximando-se de Heorot, espreitava
grupos de dinamarqueses que lá dormiam
languidamente, exangues depois das grandes
festas – todos de seus infortúnios e tristezas
esquecidos. (BEOWULF, 1992, p. 36).

Para Nichols (1995, p. 230) “*Todos hesitamos em pronunciar o nome do monstro. Quando dizemos o nome de alguém, esse geralmente se volta para olhar na nossa direção. E essa é a última coisa que desejamos que faça a figura ameaçadora*”. A morte vai aparecer em Heorot, sem aceitação alguma, pois ela vem através do monstro Grendal, ser que acaba com a alegria de todos.

Esse monstro terrível, que se chamava Grendal, reinou por doze invernos seguidos, ele não cansava de atacar Heorot, foi muitos momentos de dores e angústias um castelo conhecido por suas grandes festas, agora era só destruição. O castelo estava completamente vazio, Hrothgar não sabia mais o que fazer. A morte estava reinando no castelo, e tudo por causa de Grendal.

A morte vai se representada nesse trecho do poema pelo monstro Grendal, esse monstro representa, um dos maiores medos de cada ser vivo, que é a morte. “*O pensamento da morte física nos paralisa de horror. A pesar disso, porém, a cada dia que passa, o nosso corpo físico dá passos gigantescos na direção da porta da morte.*” (NICHOLS, 1995, p. 237). Essa morte tão temida estava no destino dos cavaleiros que estavam no castelo no momento que Grendal chegava, estava no destino deles morrerem no castelo, por um monstro.

E assim reinou Grendal cruelmente e
impunemente até que vazio ficou Heorot,
o Palácio-de-Festas. Tal devastação durou
doze invernos seguidos; assim foi como
sofreu dor e calamidade Scylding, até que
vieram a saber todos os filhos dos homens
em cantigas, nêias dolorosas, como Grendal,
feroz e voraz, lutava contra Hrothgar batalha
tão amarga e odienta – luta implacável por

tanto tempo. Nenhum dinamarquês podia acabar com esse feudo e a paz alcançar – e nem o preço de sangue havia sido pago. (BEOWULF, 1992, p. 37).

Heorot, por ser considerado um lugar sagrado, todos ficaram sabendo sobre as atrocidades que Grendal estava praticando. Beowulf ao saber dessas notícias, vai se colocar à disposição do Rei Hrothgar, ele tem a ansiedade por aventuras, ele não vai ter medo do desconhecido, ele começa a preparação de sua viagem para Heorot, mesmo os sábios sendo contra a essa aventura, pôs temiam por sua vida.

E então um dos súditos de Hygelac, em seu país, valoroso guerreiro entre os geats, dos ataques de Grendal veio a saber; forte ele era – o mais resoluto e poderoso. E disse: “Preparem uma embarcação”, ordenou esse garboso guerreiro. Estava decidido a singrar pelos caminhos-do-cisne ao encalço do Príncipe, renomado rei, e oferecer-lhes a ajuda que precisava. Os sábios pouco puderam dizer para dissuadi-lo de tal odisséia, apesar de muito amá-lo; censuraram sua sede de aventuras e sentiram presságios. (BEOWULF, 1992 p. 38).

Consoante ao pensamento de Nichols (1995, p. 245) “*Em todas as culturas e épocas, o fantasma autocriado tem estado sempre nas asas, interrompendo o drama da vida com medos irracionais e desviando a nossa atenção do negócio que está sendo feito*”. A morte esta no destino de todos e especificamente no destino de Beowulf, mais não é porque ela esta no destino dele, que esse grande herói vai interromper a sua vida, vida essa que só o destino saberá colocar um ponto final.

É nesse momento do poema que haverá grandes decisões e orgulhos por parte de um homem específico Beowulf, ele se apresenta como o herói. Que vai a busca da vitória, e assim obtendo glórias e vitórias em sua vida de grandes lutas. Ele parte para a Dinamarca, com quatorze guerreiros. “*É nessas passagens que o estilo imponente marca o ritmo de uma obra épica*”. (BEOWULF, 1992, p.14).

Eis que chagara a hora! A embarcação singrava agora sobre as ondas. Garbosos guerreiros, eretos e orgulhos, postavam-se na proa da nave; em baixo, a espuma salpicava sacudindo o mar contra a areia; os guerreiros, felizes, estocavam as armas – armaduras e apetrechos de guerra – esplendorosos no seio da embarcação; vigorosamente viajavam mar afora; a nave, firme e forte, sobre as ondas pelos ventos levada, lá se foi como um pássaro em pleno vôo, o barco de espuma rodeado. Um dia inteiro singrou a nave pelo mar afora – a proa pomposamente empinada – o sol a pino no segundo dia – até que os guerreiros terra firme avistaram penhascos escarpados, promontórios reluzentes,

fronteiras do além-mar, e encontraram uma enseada, e a viagem pôs-se ao fim. Ansiosamente os geats desembarcaram e caminharam praia a fora; ancoraram primeiro a pesada madeira-do-mar; suas armaduras retiniam resplandecentes – vislumbrantes vestes de guerra! E a Deus agradeceram pela viagem através dos caminhos-de-sol. (BEOWULF, 1992, p.38-39).

Um sentinela fala ao rei Hrothgar sobre a chegada de Beowulf, o rei lembra-se de seu pai Edgetheow que foi um grande guerreiro. Beowulf é recebido como a esperança, que muitos já não têm. Beowulf chega como a salvação, para salvar a todos das atrocidades de Grendal. Monstro que acabou com a alegria daquele palácio de festas. A morte a sombra a todos sem exceção.

Assim respondeu Hrothgar, o protetor dos scyldings: “Bem me lembro dele; conheço-o desde que ele era criança; Edgetheow foi seu pai que esposou, como dádiva de Hrethei – um geat – sua filha única. Vejo que agora seu valente filho aqui chegou à procura de seu amigo. Navegantes e viajantes, bem me lembro, sempre falavam desse valente guerreiro que só em suas mãos tem a força de trinta homens. (BEOWULF, 1992, p. 45).

Beowulf passa a noite contando seus feitos extraordinários no oceano, onde lutou com vários monstros. A rainha Wealhtheow o homenageia dando-lhe copo transbordante de hidromel – bebida sagrada desse povo. Beowulf, esta preparado para enfrentar o tão terrível monstro. O destino é quem vai decidir, se dará a tão desejada vitória, desse guerreiro tão glorioso, ou se a morte é o seu fim.

“Beowulf está pronto para a iniciação, para a prova que lhe dará a glória eterna ou a morte digna de um cavaleiro anglo-saxão”. (BEOWULF, 1992, p. 15). Ele não teme a morte, fala que em Heorot haverá o fim de um ser. O destino é quem vai decidir quem vencerá a luta. O destino tanto de Beowulf, como o de Grendal já esta traçado, basta ser concretizado.

“Quando me lancei ao oceano, firme no meu barco com meus companheiros, decidido estava a acabar com as desgraças de vosso povo ou perecer nas garras do inimigo. Cumprirei esta promessa – palavra de um grande guerreiro – ou abraçarei o fim digno de um herói, aqui em Heorot”. (BEOWULF, 1992, p. 55-56).

Inicia-se a luta do mal contra o bem, Grendal ataca mais uma vez Heorot, lugar sagrado do povo dinamarquês. “*o encontro de Beowulf com Grendal é uma das mais impressionantes passagens do poema. O ritmo dos versos, as aliterações e o contraste entre o Mal e do Bem*”. (BEOWULF, 1992, p. 16). A Luta deu a vitória ao grande herói, Grendal ele vai se arrastando para o pântano para poder esperar a sua morte. Em Heorot se inicia grande festa em comemoração a morte do tão temível monstro.

É que a morte tem inúmeras significações. Liberadora das penas e preocupações, ela não é um fim em si; ela abre o acesso ao reino do espírito, à vida verdadeira; mors janua vitae (a morte, porta da vida). No sentido esotérico, ela simboliza a mudança profunda por que o homem passa sob o efeito da Iniciação. (CHEVALIER, CHEERBRANT, 2009, p. 622-623).

A morte aparecer no poema, como símbolo de renovação, a morte do monstro Grendal aparece para renovar as forças que os homens já não tinham, sabendo-se que estava no destino do povo de Heorot, passar por todas aquelas angustias. E que só um homem seria capaz de acabar com todas aquelas atrocidades, que seria Beowulf, porque estava no destino desse homem, matar o monstro temido por todos. O símbolo da morte de Grendal vai ser a garra do monstro que vai ficar no teto do palácio, para que assim todos possam ver o grande feito de Beowulf, grande guerreiro que foi o único capaz de acabar com o mal de Grendal.

Grendal, monstro terrível que vive no escuro, em um pântano, longe de todas as civilizações, ele é descendente de Caim, “*E um ogro, pertence evidentemente à antiga mitologia germânica, mas como o poema é cristão quis vinculá-lo a tradição cristã, não à tradição pagã, e nos diz que é descendente de Caim*”. (BRANDÃO, 2002, p 23). Que foi amaldiçoado por Deus, ele é símbolo do mal, Beowulf presente o mal que Grendal carregava em si, por isso decide lutar contra ele sem arma alguma.

E os dois, numa luta
Titânica, continuavam, e o palácio inteiro
Ecoavam os entrechoques; foi mesmo um
Milagre Heorot suportar luta tão tenaz,
Mas o átrio dos dinamarqueses erguia-se
Soberbo, ereto, com anéis de ferro,
Aguentando firme os golpes dos dois
Combates; os bancos, trabalhados
Com figuras de ouro – assim conta a
História – voaram do solo na sinistra
Contenda; nenhum dinamarquês tinha jamais
Imaginado antes que um ser da raça humana
Pudesse destruir o augusto átrio ornado
De chifres, a não ser as chamas do fogo;
E o terror tomou conta de todos que ouviam,
Estridentes e angustiantes, os gritos, gemidos
E uivos dilacerantes de Grendal – o inimigo
De Deus – que vinham de Heorot.
A Beowulf a vitória foi dada, e Grendal partiu
para seu covil nos pântanos sombrios e

pauis: seus dias estavam contados! E todos os dinamarqueses viram suas esperanças renovadas nessa luta nefasta. (BEOWULF, 1992, p. 60-61).

O segundo momento, da primeira parte se inicia com a vingança da mãe de Grendal. *“A morte retrata o momento em que a pessoa se vê “feita em pedaços” – espalhada – com a velha personalidade e os modos quase irreconhecíveis de tão mutilados”*. (NICHOLS, 1995, p.228). Esse mostro está destroçado por ter perdido o seu filho. A mãe de Grendal aparece como símbolo da morte, que o destino vai colocar mais uma vez na vida de Beowulf.

desse monstro volta para vingar a morte do filho.
Sorradeira, arrastou-se até Heorot
onde os dadivosos dinamarqueses dormiam
aconchegados no assoalho do salão. E então
o horror mais uma vez se apoderou de Heorot;
a Mãe de Grendal, cruel, se postou lá entre
os guerreiros; sua fúria assassina não era tão
atroz quanto a de Grendal – força de homem que
tinha -, como a de um guerreiro na luta,
a espada afiada a ferir e chacinar,
a lâmina ensanguentada por cima dos
elmos dos inimigos.
Muitas espadas afiadas foram maneadas –
rapidamente arrancadas das estantes acima
dos bancos; empunharam os escudos mas
esqueceram os elmos e os corseletes tal o
terror que ali se instalou. Então, furiosa,
quis fugir, agora assim desmascarada, e
escapar com vida; de um golpe, agarrou
um guerreiro e, apertando-o forte em suas
presas, arrastando-o consigo para o covil. (BEOWULF, 1992, p.77-78).

A mãe de Grendal leva o terror para todos, mais uma vez Heorot é atacado por mais um monstro, deixando o rei Hrothgar ainda mais triste, pois desta vez ele mata e leva consigo o guerreiro que ele mais estimava que era Ashhere. A morte vai aparecer como separação final, sem jeito de resolução, o destino é implacável. *“A separação é uma tristeza tão doce porque nos afeiçoamos a tudo: às pessoas, aos animais, às coisas. Não queremos perder nada do que achamos que “nos pertence”*.(NICHOLS, 1995, p. 228), podemos observar no trecho,

Hrothgar, o escudo dos dinamarqueses,
assim falou: “Não me pergunte sobre o nosso
sossego! A desgraça está de volta ao povo
dinamarquês com a morte de Ashhere, o irmão
mais velho de Yrmenlaf. Era o meu conselheiro
mais querido; era o preservador dos meus
pensamentos; ao meu lado sempre ficou
quando entre os golpes e entrechoques das espadas
lutávamos corajosamente nos campos de batalha. (BEOWULF, 1992, p. 79).

Neste momento, todos ficam sabendo que em Heorot, um proscrito que perambula pelos infernos, foi vingar-se pela morte de seu filho que era Grendal. Só que eles não poderiam aceitar. Beowulf desta vez é quem vai atrás, ele não espera o monstro volta a atacar mais uma vez Heorot. Com os seus cavaleiros e Hrothgar eles se dirigem para o covil daquele monstro, acabam vendo a fantástica lagoa.

Começa uma viagem para as profundezas, “A morte – fim de um período, mas especialmente quando surge como sacrifício ou desejo próprio de destruição, por efeitos da tensão excessiva”. (CIRLOT, 2005, p. 389). A morte tem a sua definição como sacrifício, ou desejo, por quem não tem medo da morte. Beowulf se colocara nas mãos do destino, que sabemos que não chegara a hora de sua morte. Ele lutará com a mãe de Grendal e vencera mais uma vez. Pois o destino quis assim, ele vencedor e, conquistador de glórias e façanhas. Podemos ver que se fala do inferno, um local desconhecido e temível por todo o excerto por um grande herói que é Beowulf.

Tanto Beowulf, quanto os outros vêm as águas daquela lagoa túrbida de sangue, e profunda dor e pesar sentiram os súditos de Hrothgar, encontrando a cabeça de Ashhere.

Adiantando-se com seus cavaleiros,
 Beowulf de repente avistou algumas árvores
 calcinadas, charneca avistou algumas árvores
 umbria mortiça dos domínios dos demônios!
 E a água túrbida de sangue escoava, profunda
 dor e pesar sentiram os súditos de Hrothgar –
 desgraça para os dinamarqueses – quando nas
 encostas dos rochedos encontraram a cabeça
 de Ashhere.
 E todos os homens viram as águas mornas
 de sangue manchadas borbulhando, e a trompa
 de chifre soou o toque de guerra; e os
 guerreiros, sentados nos rochedos, viam
 ímpios demônios, sinuosas serpentes marinhas,
 monstros, mergulhando nas profundezas e pastando
 nos rochedos; criaturas cruéis que atacavam
 noa mares pela manhã as velas que vagueiam,
 singrando os oceanos. (BEOWULF, 1992, p. 82-83).

Beowulf se prepara para desce e enfrentar aquele monstro, ele mergulha até as profundezas do lago, vestindo a armadura e protegendo-se a cabeça com um elmo de prata. O monstro logo presente que um homem invadiu o antro dos monstros. O monstro segura forte Beowulf e leva-o para o fundo do covil, Beowulf não consegue se soltar e vai ser lavado para a imensidão do antro infernal. Começa-se a luta do bem contra o mal.

Vibrou
 de um golpe sua espada, portentoso,
 retumbante, rápido e rígido – hercúlea
 pancada que guinchou na cabeça do monstro
 estridente e feroz grito de batalha. Mas,

estupefato, Beowulf percebeu que a espada não penetrara nem ferira a fera das profundezas; aquela lâmina o traía na hora que dela seu mestre mais precisava; sobrevivera muitas lutas corpo a corpo, e cravara elmos e corpos inimigos. Essa era a primeira vez que a rara e radiante espada traía tal tradição! Soergueu-se Beowulf, e corajoso e ansioso pela vitória – o sobrinho de Hygelac – renovou o ataque; furiosos, atirou-a ao chão – a espada afiada e espiralada, de aço forte; só sua força seria suficiente – o poder de suas mãos. Assim deve um homem agir quando na luta vislumbra a glória eterna; não deve pensar na vida. (BEOWULF, 1992, p. 86).

Deus todo poderoso, concede a Beowulf a vitória. Depois da grande batalha uma luz resplandecente ilumina a caverna, Beowulf começa a explorar toda caverna, a procura de Grendal, ele encontra-o e de um só golpe secciona o seu corpo em dois e decepa a cabeça de Grendal. Na margem do lago todos vem as águas a se avermelharem-se todos pensava que o fim de Beowulf chegou, que a morte vencera a vida do grande príncipe.

Lá em cima, nas margens do lago, sábios homens ao lado de Hrothgar olhavam as águas e viram o sangue se espalhar avermelhando toda a superfície; entreolharam-se tristes, e juntos juraram que não veriam mais o destemido príncipe, herói e vingador; achavam que nas profundezas do poço, o monstro matara e mutilara o corajoso cavaleiro; e a nona hora chegou; o doador de dádivas e anéis virou-se de volta ao palácio; os geats, companheiros de Beowulf, sentados nas margens do lago, olhavam, taciturnos e tristes, as águas turvas, esperançosos de outra vez verem o grande herói, mas acreditando que não mais o teriam entre os homens. (BEOWULF, 1992, p. 88).

O herói nadou de volta, águas a cima, atravessando, subindo sempre as correntezas, tendo como certeza que as criaturas dos infernos não mais respiravam que a morte tinham sido os seus destinos finais. Beowulf chega a terra e seus cavaleiros felizes se alegram ao velo salvo. Leva com sigilo a cabeça de Grendal e o punho da espada que entrega a Hrothgar em Heorot, assim finaliza-se o segundo momento da primeira parte do poema Beowulf.

Pendurada pelos cabelos, a cabeça de Grendal foi entregue pelos guerreiros no salão onde bebiam os homens, visões horríveis todos tiveram, príncipes e nobres ali reunidos com a rainha; todos contemplaram-na demoradamente. (BEOWULF, 1992, p. 90).

O terceiro momento da primeira parte se inicia com a chegada de Beowulf a sua terra natal Hygelac, levando com si tesouros para seu rei e mais ainda carregando com si a vitória que ele conseguiu, ele tinha tudo que o herói grandioso precisava, Beowulf conseguiu a façanha que nem um outro ser conseguiria, derrotar o mal que todos temia. *“é nesse aspecto, nos atos heroicos mais simbólicos, que o poema se afirma como literatura universal, acima dos feitos fantásticos de um indivíduo, de uma raça ou de um povo”*(BEOWULF, 1992, p.22).

“Entretanto, a experiência real da morte propriamente dita é, na sua essência, uma experiência individual. Cada um de nós precisamos enfrentar, a sós, o seu momento da verdade”. (NICHOLS, 1995, p. 234). O destino de Beowulf foi enfrentar a morte sempre que ela aparecia, o destino de Beowulf era derrotar aqueles monstros, estava no destino dele conseguir aquelas glórias e façanhas. Nesse terceiro momento se fecha mais um círculo de vida que é a morte do rei Hygelac. E é o momento de Beowulf reinar. O símbolo da morte vem para glorificar ainda mais a vida desse grande herói, Beowulf herda o reino de Hygelac e reina por cinquenta invernos. Finalizando o terceiro momento.

E acontece que mais tarde, noutra época,
Hygelac veio a morrer na guerra; e as espadas,
apesar da falange de elmos e escudos, chegaram
até Heardred, quando guerreiros ferozes, os
scylfings, caçaram-no e o mataram – o sobrinho
de Hereric. Então o reino foi herdado por
Beowulf.

Por cinquenta invernos reinou bem a sua terra, (BEOWULF, 1992, p.106-107).

A segunda parte do poema Beowulf, se inicia com a chegada de um monstro, um dragão, que é símbolo do mal, da morte, que aparece na vida e no destino do grande herói. Esse dragão vem para finalizar mais um círculo de vida, desta vez será a vida de Beowulf que acabara. O grande herói colocara a sua vida nas mãos do destino. Que já está traçado. “Vê-se que a serpente e o dragão, ao menos no Novo Testamento, simbolizam o mistério do mal, que transcende o homem”. (GIRARD, 1997, p. 671).

Uma fera tão ameaçadora só podia mesmo ser vista como um inimigo natural da humanidade. Dizia-se que os dragões eram criaturas astutas, comilonas e cruéis, que moravam em cavernas enormes ou em crateras de vulcões, bem como em oceanos e lagoas. Periodicamente, matavam sua fome comendo rebanhos inteiros ou então devorando pessoas. (KRONZEK, 2003, p. 109).

O dragão vem para acabar com a tranquilidade de Beowulf e com a sua vida terrena. Por cinquenta anos Beowulf reinou com muita paz e prosperidade a sua terra. Já se finalizando o poema, aparece um dragão que devasta as terras dos geats, ocasionando muitas destruições, o monstro coloca fogo em todo país, o mesmo destino terá Beowulf. Que o seu destino é morrer, sua hora entre os seres vivos já tinha acabado e cabia ao destino leva-lo o

seu destino final. “*Beowulf, considerando um dos primeiros heróis da literatura inglesa, também encontrou a morte ao matar um dragão*”. (KRONZEK, 2003, p. 108). Vejamos,

Vomitando fogo e chamas, voando alto, o voraz dragão chacinava tudo e todos, incendiando casas e vilas: aquele flagelo alífero e aligero iria murchar o mundo todo à sua frente” E as chamas subiram os céus devorando implacáveis – e os homens sentiram terror. E sentiram o ódio do monstro por todas partes, os homens dos bravos geats. Antes da aurora, o dragão voou de volta à caverna; havia despejado fogo na raça humana, queimando e esturricado o que vira pela frente; agora escondia-se nas encostas, recuperando sua demoníaca força – mas tal fé iria enganá-lo. (BEOWULF, 1992, p. 110).

Beowulf decide ir sozinho enfrenta o monstro, o dragão, ele vai acompanhado por seus cavaleiros e pelo homem que fez com que o dragão colocasse toda a sua fúria contra todos, pois esse homem roubou um graal de ouro e o dragão sendo o guardião do tesouro percebeu o roubo, e se enfurece contra todos.

Acredita-se que esse fabuloso é guardião de lugares sagrados e de tesouros. BACHELARD(1990, p.212) escreve que se o dragão é guardião de tesouros, é porque ele próprio é um amontoado de tesouros, um monstro de rubis e metal. O dragão é uma criatura do ferreiro e do ourives, um símbolo que une a terra forte e a terra preciosa. (RIBEIRO, 2017, p. 58).

Chegando à caverna, Beowulf é atacado e no momento que ele mais precisou dos seus cavaleiros, eles fugiram para a floresta, excerto de Wiglaf, que vai ao socorro do seu senhor, sem medo da morte. O poema ele vai mostra os dois polos de contrastes: O puro e o impuro, o destruidor e o salvador, o mal e o bem, a morte e a vida. O poema ele sempre mostra a dualidade. “Se como “dualismo” entendemos a oposição de contrários, como dualidade mais precisamente concebemos o dois em sua noção de conflito, como duplicação não necessária ou como cisão interna”. (CIRLOT, 2005, p. 216). Beowulf sentia a morte como certeza.

E o grande herói lá estava, ereto, com seu elmo e escuro; e desceu até o sopé do penhasco – poderoso herói no caminho dos corajosos! Então, Beowulf, o herói de tantas e terríveis batalhas, vencedor de embates e conflitos cruéis, viu na gruta uma abertura em arco de onde saíam jatos de fogo, uma corrente de chamas e chispas mortais; logo percebeu que não poderia chegar perto do tesouro e não ser torrado pelas línguas de fogo do dragão. Irado, o príncipe, dos geats lançou um portentoso urro do peito, rugindo de dentro do coração: como a trompa no campo de batalha, seu grito ecoou, terrível, através das paredes de pedra da caverna: a ira tomara-lhe o corpo. Retas e certas, as chamas do dragão esguichavam sibilando sinistras em golfadas de fogo feroz e

voraz; os estrondos retumbavam pelo chão. Beowulf ergueu alto o escudo na penumbra do penedo – o herói dos geats contra infame criatura. E a fúria dessa serpente sinuosa incendiava-se em combate fulgurante; o herói empunhou a espada; os dois corpo a corpo; a rastejante serpente enroscou-se sagaz; Beowulf esperava com sua armadura; e ela veio, ondulando, espiralando e serpenteando e, reptante, rastejava-se feroz. Para Beowulf pouco lhe valeu o escudo; via-se agora nas mãos do destino; dessa vez não lhe daria a vitória na luta; então o grande guerreiro levantou a arma e vibrou, furioso, com aquela espada ancestral um fenomenal golpe na horrível serpente de escamas variegadas; mas a lâmina entortou ao tocar os ossos e penetrou menos do que o herói esperava; o dragão renovou o ataque mais feroz ainda; vomitando fogo voraz, silvava de ódio, as centelhas e as faíscas da luta luziam ao longe. Beowulf sentia o gosto da derrota; não mais se vangloriava, o grande guerreiro dos geats, agora que aquela esplêndida espada o traíra; aquela lâmina bem temperada não deveria falhar; aquele não fora um grande feito; Beowulf deveria não mais habitar a terra mas ir morar num outro lugar – como um dia acontece com todos os homens. E a luta continua; a serpente renovou o ataque; das mandíbulas jorrava fogo; Beowulf foi envolvido pelo fogo, e profunda dor sentiu dentro do corpo. Seus corajosos cavaleiros não vieram em seu auxílio – como assim manda a lei dos campos da batalha: correram para a floresta e salvaram suas vidas. (BEOWULF, 1992, p. 116-117).

Finalizando o poema, na luta final de sua vida, a espada de Beowulf se quebra e ele só consegue derrotar o dragão com a ajuda do corajoso e leal Wiglaf. Mesmo ferido e já morrendo, Beowulf defere golpe mortal no dragão. O destino coloca o dragão, esse ser que pela mitologia tem dois símbolos: o positivo e o negativo. O que aparece no destino de Beowulf é o dragão do símbolo negativo, que levara consigo a vida do grande herói.

[Na mitologia, o animal fantástico é valorizado à medida que seus componentes principais se carregam de símbolos positivo]...[Inversamente o monstro é visto como terrificante, cruel e destruidor quando projeta antes de tudo uma imagem de desproporção, de desarmonia, e quando suas partes principais se carregam de um simbolismo negativo]. (GIRARD, 1997, p.667).

Em forma de agradecimento Beowulf tira o seu colar do pescoço que sempre carregou e dá a Wiglaf, entrega ainda a ele o elmo revestido de ouro, a armadura e o torque. E pede a ele que construa *“um monumento alto e imponente para que os viajantes pudessem vê-lo de longe”*.(BEOWULF, p. 124). Esse monumento fica para mostra a todos quem foi o grande

Rei dos geats. Esse grande herói que tinha no seu destino, morrer nas garras de um dragão, que simboliza o mal no Ocidente.

E Beowulf desabotoou o colar do pescoço,
 coração puro aquele do príncipe, e o ofereceu
 ao jovem com o elmo revestido de ouro, a armadura
 e o torque; e pediu-lhe que os honrasse: “És o
 último dos homens de nossa cepa – a dinastia dos
 Waymungings! O destino ceifou cada um da minha
 família, cada cavaleiro na sua coragem; devo
 agora segui-lo”.
 Essas foram as últimas palavras do velho
 rei dos geats, antes de ser cremado na pira; a
 alma deixou o manto a caminho da glória dos justos. (BEOWULF, 1992, p. 124).

Cotejando os pensamento dos simbologistas Marc Girard e Juan-Eduardo Cirlot “*Acrescentemos que os historiadores das religiões observam uma tendência geral de valorizar o dragão positivo, no Extremo Oriente, e negativo, no Ocidente.*” (GIRARD, 1997, p.668). Há distinção entre os dois tipos de dragões, sendo que o dragão ocidental ele vem como símbolo do mal. “*Do lado bíblico, exagera-se o caráter negativo desse símbolo*”. (CIRLOT, 2005, p. 214). Sendo ele o causador da grande desgraça, que vai ser a morte do herói.

Já o dragão oriental, para Kronzek (2003, p.111) “*em vez de odiado, temido e atacado, seria recebido com sorrisos e gestos de boas-vindas. No oriente, o dragão sempre foi visto como uma criatura benévola e um sinal de sorte*”. No Japão, o dragão é considerado, sábio e bondoso e por muito tempo serviram por séculos como emblema oficial da família imperial. O símbolo do dragão vai carregar com sigilo o seu significado, dependendo se está no oriente, ou no ocidente.

O poema finaliza-se com o funeral do grande herói, Beowulf morre pela a sua escolha de defender o seu povo, era o seu destino morrer pela salvação de todos. “*Psicologicamente, a morte aponta o dedo para cada um de nós em turnos, exigindo que cada um, à sua maneira própria, encontre o sentido por trás do gesto. A morte desafia cada ser humano de forma especial*”. (NICHOLS, 1995, p.234). A morte desafiou Beowulf, que em luta com o mal (dragão), levou a sua vida, que era cheia de glórias. A morte desse herói é muito sentida, mais a sua glória de ter derrotado mais um monstro se eterniza. “*Porem, em termos gerais, a atual psicologia define o símbolo do dragão como “algo terrível a vencer”, pois quem vence o dragão torna-se herói*”. (CIRLOT, 2005, p.215). A morte aparece no destino final, como glória para o herói, que deu a sua vida para salvar o seu reino. Beowulf é levado à pira para ser cremado e todos sentem angustia por sua morte. “*Beowulf, entre todos os reis da terra, foi*

o homem mais bondoso, o mais gentil e o mais generoso com seu povo, o mais ávido de fama". (BEOWULF, 1992, p. 135).

E então os geats erigiram uma enorme pira;
e lá estavam pendurados flamejantes elmos, cotas
de malha, corseletes e escudos, como assim ordenou
Beowulf; e então no topo colocaram o corpo do grande
herói – aquele bem-amado guerreiro; e atearam fogo,
tristes, entre lamentos e lamúrias. E uma fumaça
negra se desprende do fogo em chamas fulgurantes
e se espalhou misturando-se ao choro – o pranto do
povo que padecia. O vento parou enquanto o calor do
fogo consumia a câmara-de-ossos. E todos, pesarosos,
proferiram aos céus a dor profunda que sentiam com a
morte do grande mestre. (BEOWULF, 1992, p. 134).

No poema Beowulf os aspectos históricos se refere a toda a uma era, que vai acontecer grandes mudanças nos valores culturais e espirituais da sociedade Anglo-saxônica, valores como o destino, que vai guiar o ser. O destino é colocado como a escolha de cada um, no poema podem destacar vários elementos na narrativa como: presságios e augúrios, a vingança e a coragem, contendo aventuras fantásticas e feitos heroicos. *“Beowulf não é a história de um grande herói e de suas aventuras contra monstros e dragões: é a saga de um herói na defesa da humanidade contra seus inimigos mortais”*. (BEOWULF, 1992, p 25).

A morte esse símbolo tão angustiante para muitos, vai está associado à noite no poema Beowulf, é na noite que o Monstro Grendal sai nas sombras do pântano para atacar Heorot, matando muitos cavaleiros e deixando a todos apavorados. A sombra que se fala no poema é o monstro Grendal. É na escuridão da noite que vai acontecer tudo de ruim. *“Furtivamente movendo-se nas sombras / da noite, surgiu o incubo inimigo, sorrateiro e solitário”*. (BEOWULF, 1992, p. 58).

Tudo de ruim vai acontecer na sombra da noite, os monstros sempre vão esperar a noite para poderem conseguir o seu objetivo. Que é ocasionando a morte. A morte aparece no destino de Beowulf, que seguira para um lugar, que os grandes heróis vão, depois de suas mortes. Esse lugar de luz, já estava no destino do grande herói.

Se ela é, por si mesma, filha da noite e irmã do sono, ela possui, como sua mãe e seu irmão, o poder de regenerar. Se o ser que ela abate vive apenas no nível material ou bestial, ele fica na sombra dos infernos; se, ao contrário, ele vive no nível espiritual, ela lhe revela os campos da luz. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 621).

Podemos observar por uma ótica do fantástico que o dragão ganha a conotação:

O dragon (dragão), provavelmente o animal mágico mais famoso do mundo, encontra-se entre os mais difíceis de esconder. A fêmea é em geral maior e mais agressiva do que o macho, embora ninguém deva se aproximar de nenhum dos dois exceto os bruxos com aptidão e treinamento excepcionais. O couro, o sangue, o coração, o fígado e o chifre do dragão têm grandes propriedades mágicas. (ROWLING, 2001, p. 31).

O dragão, esse ser que aparecer para acabar com as glórias de Beowulf, ele é o guardador de um tesouro na obra. Ele guardou por trezentos anos o tesouro que um infeliz escravo acaba roubando e incentivando a ira desse dragão, que vai acabar com o reino de Beowulf. Que também acaba com a vida de dele, o destino quis assim. Bachelard (1990, p. 212) – *“escreve que se o dragão é guardião de tesouros, é porque ele próprio é um amontoado de tesouros, um monstro de rubis e metal”*.

Por cinquenta invernos reinou bem a sua terra,
até que nas trevas da noite um dragão começou grande
devastação; guardião de um tesouro numa charneca
no alto de um cabeço de encosta acima dos pantanais;
nenhum homem conhecia a passagem subterrânea a esse
antro; mas um certo homem entrou no covil, viu o
tesouro do dragão e levou consigo um graal de ouro,
ricamente trabalhado; o dragão-guardião do tesouro,
talvez dormisse, mas percebeu o roubo; e os clãs e
tribos vizinhos logo sentiram a fúria da serpente-satã. (BEOWULF, 1992, p. 107).

O dragão na obra Beowulf ele é símbolo do mal, o dicionário de símbolos de Chevalier – define dragão como demônio. – *“Como símbolo demoníaco, o dragão se identifica, na realidade, com a serpente”*. Ele traz o símbolo do ódio e a do mal. Os dragões vão representar as legiões de Lúcifer, contra os anjos de deus. Esse animal é figura simbólica universal. *“O verme, a serpente, o crocodilo associam-se intimamente à idéia de dragão, com seus significados particulares”*. (CIRLOT, 2005, p. 214).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste presente trabalho, foi desenvolvida a análise do símbolo da morte, no poema *Beowulf*. A abordagem feita de uma reflexão acerca da simbologia, mostrando-o o símbolo da morte como fonte principal. Portanto, a pesquisa intitula o destino como símbolo da morte, mostrando uma linha de pesquisa, que demonstra o destino do personagem Beowulf.

A pertinência e a relevância da pesquisa estão presentes em sua temática, o destino que levava o personagem principal Beowulf, a escolha de defender o seu reino, mesmo

sabendo que a morte será o seu destino final. Sabemos que a morte está presente em todas as classes sócias. A morte vem representada pelo dragão, ser desprezível, que levava com sigo o homem mais adorado e bondoso de todo país dinamarquês.

Finalizamos que as estratégias narrativas, tais como a instituição do foco narrativo, a morte têm várias máscaras, ela vai ocorrer em grupos humanos de todas as condições sociais. Todos sem exceção chegará o momento que o destino colocara a morte na sua vida. No entanto, o poema demonstrara as divisões de cada momento principal, fechando-se um círculo de vida.

Analizou, na pesquisa, que a morte é o destino final de todos os seres vivos. Mesmo que ela aparece em determinados momentos para glorificar a vida de muitos heróis, em um determinado momento o destino, a colocara para levar consigo a vida dessas pessoas. No poema Beowulf, a morte é quem dá a esse grande herói as suas glórias e façanhas, mesmo o herói morrendo, a morte proporciona a ela a sua glória por ter conseguido matar o dragão do mal.

A vida de Beowulf é cheia de glórias e façanhas, ele consegue feitos que nem um outro homem conseguiria. A morte vai aparecer em vários momentos de sua vida, sabendo que não era o momento de sua morte, pois o destino de Beowulf não era morrer nas garras dos inimigos Grendal, a mãe de Grendal, os monstros marinhos que ele lutou no oceano. A morte vai aparecer como glória para Beowulf.

O poema traz uma beleza literária, onde o personagem Beowulf conseguindo superar as dificuldades que aparecem na vida de outras pessoas, que ele se propõe a solucionar, acabando com o mal. Essa literatura consegue prender o leitor, em um mundo cheio de fantasias, que aparece os atos de coragem e honestidade, que são qualidades que a sociedade tanto precisa, pois Beowulf sai de sua terra colocando a sua vida nas mãos do destino. O destino é quem vai colocar as glórias na vida desse grande herói e sabendo-se que em um determinado momento o destino também colocara a morte na vida desse grande herói.

O mal vem representado pelo símbolo do dragão, esse símbolo é universal, que em três momentos principais da obra vão aparecer para ocasionar o mal. O dragão está associado ao demônio, *“O dragão é, conseqüentemente, “o animal” por excelência, mostrando em si um aspecto inicial de seu sentido simbólico relacionado à idéia sumária do animal como “adversário”, mesmo conceito que se atribui depois ao diabo”*. (CIRLOT, 2005, p. 213).

Neste momento o Cristianismo e o paganismo aparecem na obra. Beowulf foi escrito na época do cristianismo, mesmo os germânicos sendo pagãos. O símbolo do dragão ele tem duas valorizações, uma positiva que vai acontecer no Extremo Oriente e a outra negativa que

vai ser no Ocidente. Como a obra foi escrita no Oriente o dragão vem simbolizar o mal, o demônio, tudo de ruim que possa acontecer. Que é o que acontece com Beowulf, já coroado rei, morre em uma luta contra um dragão.

Portanto, vislumbramos, na obra de Beowulf, uma literatura rica de elementos narrativos, que os leitores possam admirar e criticar, o poema Beowulf influenciou vários escritores como J. R.R. Tolkien, autor da famosa saga o senhor dos anéis. Beowulf traz à temática da simbologia a morte, que é um tema para discussão, levando o leitor a se aprofundar nesse tema, para que assim podemos aceitar a morte como uma passagem, e não como um augúrio. A morte traz com sigo a dualidade, que só haverá a morte se houver a vida.

RESUMEN

El poema Beowulf es un manuscrito que fue escrito en Inglaterra en el siglo VIII, el poema es ora del orden pagano y ora del orden cristiano, pues fue escrito en la era del cristianismo. Se inicia pagano, por qué tener los monstruos marinos, dragones, y los dioses, más en el transcurso del poema el héroe habla sobre Dios, que es donde está presente el cristianismo. El héroe habla que sólo tuvo sus glorias por qué Dios permitió. El objetivo principal de esta investigación es analizar el símbolo de la muerte en el poema. Para tanto nuestra fundamentación teórica se basa en Chevalier y Gheerbrant (2009), Cirlot (2005) Nichols (1995) y Girard (1997). El análisis nos mostró que el poema trae una belleza literaria, donde el personaje Beowulf logrando superar las dificultades que aparecen en la vida de otras personas, que él se propone a solucionar, acabando con el mal. Esta literatura logra arrestar al lector, en un mundo lleno de fantasías, que aparece los actos de coraje y honestidad, que son cualidades que la sociedad tanto necesita, pues Beowulf sale de su tierra poniendo su vida en las manos del destino. El destino es quien va a poner las glorias en la vida de ese gran héroe y sabiendo que en un determinado momento el destino también puso la muerte en la vida de ese gran héroe.

Palabras clave: Beowulf. Héroe. Muerte

REFERÊNCIAS

- BEOWULF. Galvão, Ary Gonzalez (Trad.). São Paulo: Hucitec, 1992.
- CIRLOT, Jean – Eduardo. Dicionário de símbolos. São Paulo: Centauro, 2005.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. 621 – 623.
- GIRARD, Marc. Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana. São Paulo: Paulus, 1997, p. 666-672.

KRONZEK, Allan Zola. *O manual do Bruxo: Um dicionário do mundo mágico de Harry Potter*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 108-111.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarô: Uma jornada arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 227-245.

RIBEIRO, Maria Goretti. *Imaginário da serpente de A a Z*. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p. 58-61.

ROWLING, J. K. *Animais fantásticos & onde habitam*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.